



DOSSIÊ: MULHERES INTELLECTUAIS: PRÁTICAS CULTURAIS DE MEDIAÇÃO

Em luta: a atuação da cronista Carmen Dolores em debates por direitos das mulheres brasileiras nos primeiros tempos republicanos

In struggle: the work of the chronicler Carmen Dolores in debates for the rights of Brazilian women in early republican times

En lucha: la actuación de la cronista Carmen Dolores en los debates por los derechos de la mujer brasileña en los primeros tiempos republicana

Ana Maria Bandeira de
Mello Magaldi¹

orcid.org/0000-0002-9631-8958
anamagaldiv29@gmail.com

Recebido em: 5 abr. 2021.

Aprovado em: 7 ago. 2021.

Publicado em: 17 nov. 2021.

Resumo: O presente artigo analisa a atuação da escritora Carmen Dolores – pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello – em debates em torno dos direitos das mulheres brasileiras nos primeiros tempos republicanos, utilizando como base documental privilegiada crônicas publicadas no jornal carioca *O Paiz* e no livro *Ao esvoaçar da ideia*, entre 1905 e 1910. Dialogando com a história cultural e a história dos intelectuais, o estudo focaliza o papel da autora, conhecida como produtora de bens culturais por sua obra literária envolvendo gêneros diversos, também como mediadora cultural, exercido principalmente na imprensa, através de seu trabalho regular como cronista. Desse modo, ao mesmo tempo em que comentava assuntos leves e variados em suas colunas, procurava formar consciências de leitores, leitoras e da sociedade, em um sentido mais amplo, em favor do feminismo, da educação e do trabalho como direitos das mulheres, e em defesa do divórcio, na direção do que compreendia como progresso social.

Palavras-chave: Carmen Dolores. Mulheres de letras. Direitos das mulheres. Feminismo. Divórcio.

Abstract: This article analyzes the works of the writer Carmen Dolores – pseudonym of Emília Moncorvo Bandeira de Mello – in debates in regard to the rights of Brazilian women in early times of the Brazilian republic, using chronicles published in the Rio de Janeiro newspaper *O Paiz* as a privileged documentary base and in the book “*Ao esvoaçar da ideia*”, between 1905 and 1910. In a dialogue between cultural history and the history of intellectuals, the study focuses on the role of the author, known as a producer of cultural wealth in her literary work involving diverse genres, also as a cultural mediator, mainly exercised in the press, through her regular work as a chronicler. Thus, while commenting on light and varied subjects in her columns, she sought to enhance the awareness of readers in general, female readers and society, in a broader sense, in favor of feminism, education and work, in the area of women’s rights, and in defense of divorce, in the direction of what she understood as social progress.

Keywords: Carmen Dolores. Letters women. Women’s rights. Feminism. Divorce.

Resumen: Este artículo analiza la actuación de la escritora Carmen Dolores – pseudónimo de Emília Moncorvo Bandeira de Mello – en debates en torno a los derechos de la mujer brasileña en los primeros tiempos republicanos, utilizando como base documental privilegiada las crônicas publicadas en el periódico carioca *O Paiz* y en el libro *Ao esvoaçar da ideia*, entre 1905 y 1910. En diálogo con la historia cultural y la historia de los intelectuales, el estudio se centra en el papel de la autora, conocida como productora de bienes culturales por su obra literaria que involucra diversos géneros, también como mediadora cultural, principalmente en la prensa, a través de su trabajo regular de cronista. Así, al mismo tiempo que comentaba temas ligeros y variados en sus columnas,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

buscaba formar la conciencia de lectores, lectoras y de la sociedad en un sentido más amplio, a favor del feminismo, la educación y el trabajo como derechos de la mujer, y en defensa del divorcio, en la dirección de lo que entendía como progreso social.

Palabras clave: Carmen Dolores. Mujeres de letras. Derechos de la mujer. Feminismo. Divorcio.

“O prefeito embeleza e engrandece a nossa capital, destruindo o passado e enterrando as tradições caras do povo, para abrir novas e largas avenidas sobre as antigas ruas estreitas e levantar palácios no lugar dos escuros pardieiros. Ora, por que não encontraríamos um educador de espíritos que imitasse moralmente o prefeito nessa obra de radicais alterações, dando um supremo golpe nos preconceitos da ignorância e parvoíce acerca da mulher, e construindo ideias adiantadas, que nos fornecessem uma criatura de belo sexo segundo o molde exigido pelas evoluções do tempo?”.

(Carmen Dolores, 1905).

Em uma de suas crônicas publicadas no jornal carioca *O Paiz*, a prestigiada escritora Carmen Dolores² chamava atenção para a expressiva transformação da cena urbana do Rio de Janeiro, em curso nos primeiros anos do século XX sob o comando do prefeito Pereira Passos, estimulando, por comparação, a reflexão de leitores e leitoras sobre a situação da mulher na sociedade brasileira. Tendo se dedicado ao tema das intervenções conduzidas então no espaço de sua cidade em diversos de seus escritos, por vezes as exaltava em sua sintonia com um tempo de mudanças observadas no mundo ocidental e traduzidas na chave da modernidade, como no trecho acima. Em outros momentos, apontava problemas decorrentes dessa ação dirigida tanto ao traçado urbano, quanto aos comportamentos da população, que impactavam de forma dolorosa principalmente a vida dos setores populares, excluídos do cenário e dos benefícios do progresso.

Valorizando, nessa passagem, as “radicais alterações” promovidas na capital da República e a

destruição de um passado visto como atrasado, enfatizava a relevância de uma ação educativa que, em direção semelhante, estimulasse a construção de um novo olhar sobre as mulheres de seu tempo, derrubando preconceitos arraigados e incompatíveis com o progresso e com os desafios impostos então pela vida social. Segundo indicava em suas crônicas, a mudança de visão sobre o tema representaria um passo fundamental na superação das condições de inferioridade e discriminação a que eram submetidas as mulheres brasileiras em seu cotidiano.

Apresentando uma espécie de chamamento, Carmen Dolores estimulava o aparecimento de “um educador” que contribuísse para a afirmação de “ideias adiantadas” sobre a vida feminina, sendo curioso o fato de flexionar a palavra no gênero masculino, o que parece sugerir alguma ironia, marca muito presente em sua escrita. Interessante é perceber que uma ação de educação “de espíritos”, tal como indicava seria desempenhada pela própria escritora, em textos opinativos que ocupariam o espaço destacado da primeira página do importante jornal *O Paiz* aos domingos, a partir de 1905 até a sua morte, em 1910, sendo publicados, ainda, em outros veículos da imprensa brasileira.³

De acordo com depoimentos de figuras de relevo na vida cultural de seu tempo, a autora teria conhecido projeção excepcional para uma mulher de letras em um cenário predominantemente masculino, como o da sociedade carioca e brasileira do alvorecer da República. O sucesso de público e crítica alcançado no panorama literário a teria conduzido a uma situação privilegiada e quase inimaginável, considerando seu gênero, responsabilizando-se pela coluna “mais bem paga então” (AMADO, 1956, p. 46), segundo informação de Gilberto Amado, escritor que a sucedeu no referido espaço de *O Paiz*, intitulado “A Semana”.

Apesar do prestígio obtido entre pares e leitores

² Carmem Dolores (1852-1910) foi o pseudônimo com que a escritora Emília Moncorvo Bandeira de Mello se tornou conhecida na cena literária. A referida crônica foi publicada na coluna A Semana, em 4 de junho de 1905. Sobre sua atuação destacada como cronista e intelectual na sociedade brasileira da virada do século XIX para o XX, ver: MAGALDI, 2020.

³ Como cronista, além da atuação em *O Paiz*, há registros de sua colaboração regular no *Correio da Manhã*, *A Imprensa* e *L'Étoile du Sud*, periódico francês publicado no Rio de Janeiro. No mundo das letras, destacou-se ainda como autora de contos, de um romance e de uma peça teatral.

e da boa recepção da crítica especializada em sua época e em décadas seguintes, é digna de nota a constituição de um profundo silêncio em torno da figura de Carmen Dolores, assim como de suas obras. Longe de ser casual, esse processo pode ser compreendido se considerarmos as pesadas barreiras e interdições impostas a seu gênero no ambiente intelectual e artístico daquele tempo, o que se observa também no caso de outras escritoras valorizadas então, como Júlia Lopes de Almeida. Se Carmen Dolores, por um lado, movia-se, na cena pública, enfrentando esses limites e lutando por sua superação e se teve sucesso nessa empreitada, alcançando notoriedade e reconhecimento, inclusive financeiro, as restrições não deixaram de se mostrar presentes em sua trajetória, tanto em conflitos rotineiros, quanto em situações marcantes, como da objeção contra seu ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Torna-se interessante perceber que grande parte das opiniões elogiosas dirigidas a Carmen Dolores em seu tempo foi encontrada, durante a pesquisa, em necrológios e matérias publicadas por ocasião de seu falecimento, quando é comum haver esse tipo de expressão em um tom de despedida e de exaltação de qualidades da pessoa homenageada. No momento em que saía de cena, a literata deixava de disputar espaço no cenário intelectual com outras vozes – masculinas –, que, durante sua vida, manifestaram, ao lado de aplausos, também críticas e desconfianças. A competição gerada pela presença de mulheres em um ambiente que negava a sua legitimidade, ao menos em bases igualitárias, foi observada por um importante contemporâneo seu.

Na obra *Momento literário*, de João do Rio, composta de entrevistas com personagens de destaque no mundo das letras nos primeiros anos do século XX, apesar de não figurar entre aqueles a que eram dedicados os capítulos do livro, Carmen Dolores era mencionada em reflexões finais sobre o tema dos enfrentamentos naquele cenário:

E a concorrência não é só de homens, é também das mulheres, algumas das quais, como a cintilante e espiritual Carmen Dolores, ultrapassam a maioria dos homens em encanto, modernismo e elegância, conquistando de súbito o favor público (RIO, 1994, p. 295).

Se suas qualidades seriam tão marcantes, seguindo a avaliação do próprio autor, poderíamos estranhar o fato de a escritora não fazer parte do rol de entrevistados na obra,⁴ o que só é possível compreender ao se levar em conta as relações de poder envolvidas na organização daquele campo literário, manifestando-se na afirmação de rígidas hierarquias, assimetria de oportunidades, discriminação e exclusão relacionadas a seu gênero.

João do Rio focalizava no livro o fenômeno da popularidade de escritores junto ao público, destacado em um tom de questionamento quanto à sua possível sobreposição em relação à apreciação da crítica especializada na afirmação de literatos e literatas. Sobre a escritora, talvez seja possível considerar que a constituição de um público fiel e entusiasmado para as suas obras, fortemente estimulada por sua participação na imprensa, tenha contribuído para a construção de um olhar favorável em sua direção por pares e crítica. Os impedimentos, no entanto, estiveram longe de ser suspensos, tanto em seu caso, como de outras mulheres de letras de seu tempo, contribuindo de forma nítida para a afirmação de um cânone literário quase que exclusivamente masculino, situação que revela permanência até os nossos dias.

Apesar de mostrar desembaraço na forma como circulava naquele ambiente marcado pela fermentação de ideias, inscrevendo-se em redes de sociabilidade intelectual da capital da República, do país e mesmo para além dele, Carmen Dolores não deixava de acentuar as tensões envolvidas naquela teia complexa de relações, como é possível observar em uma de suas colunas, ao mencionar o convívio com João do Rio. É digno de nota que essa crônica, escrita em um momento trágico de sua vida, de enfrentamento de uma grave enfermidade em sua fase terminal,

⁴ É interessante observar a presença de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) como a única mulher na lista de entrevistados, sendo digno de nota, no entanto, que ela figure de um modo muito particular, ao lado do marido, um poeta português de menor expressão, em um capítulo sugestivamente intitulado "Um lar de artistas", em lugar de ter seu nome dado ao capítulo, como ocorre no caso dos demais.

tenha se constituído na última publicação da escritora, situada apenas dois dias antes de seu falecimento. Comentando criticamente a visão manifestada a seu respeito por aquele literato, indicava que ele acharia "graça em certas cóleras do princípio de minha carreira", ao que retrucava enfaticamente, afirmando a frieza conquistada ao longo de seu percurso, que poderia ser traduzida como força: "[...] hoje estou mais fria do que um pedaço do revestimento interno de um frigorífico da Nova Zelândia". Com essa observação, questionava a descrença observada no olhar de seu colega de ofício, ao lhe dar "conselhos com uma amabilidade que não excluía a ironia, como se me achasse mal preparada para a luta terrível das letras" (DOLORES, 14 ago. 1910, p. 1).⁵ Ainda que sublinhasse, como em inúmeros outros textos, os obstáculos enfrentados, afirmava, através desse posicionamento final, uma imagem de si para além de seu tempo, ressaltando sua potência e sua resistência vitoriosa frente às tentativas de marginalização vivenciadas.

Se os limites com os quais se deparou em seu tempo contribuíram para um certo apagamento da memória em torno do lugar ocupado então no meio literário, tem-se observado, felizmente, nas últimas décadas, uma modificação dessa tendência, com a multiplicação de pesquisas, no campo da literatura e da história,⁶ focalizando a trajetória intelectual e a produção da escritora, alimentadas, em grande medida, por perspectivas feministas. A intenção desse estudo é de concorrer nessa direção, procurando valorizar a atuação da literata e jornalista em debates em torno dos direitos das mulheres e, em especial, em defesa do divórcio nos primeiros anos do século XX.

A base documental mobilizada na pesquisa constitui-se, de forma privilegiada, de crônicas publicadas no jornal *O Paiz* (1905-1910) e na coletânea *Ao esvoaçar da ideia* (1910). Dotados de forte caráter combativo, esses escritos tornavam

públicos os posicionamentos de Carmen Dolores, marcando seu envolvimento em polêmicas no cenário intelectual dos primeiros anos do século XX e seu engajamento em campanhas, muitas das quais voltadas para a afirmação de direitos femininos em nossa sociedade.⁷

Em algumas crônicas, assinalava que suas atitudes seriam "próprias de uma espécie de tola intrépida como D. Quixote" (DOLORES, 7 fev. 1909, p. 1). Em uma passagem, a escritora comparava-se ao personagem de Cervantes, convocando sua "obscura pena de tosca madeira" a atuar como sua "pobre lança quixotesca, para combatermos juntas alguns moinhos de vento" (15 abr. 1906, p. 1). Ainda que adotasse uma postura realista nas lutas em que se envolvia, diferentemente da figura do cavaleiro medieval, mostrava aproximação em relação ao personagem na obstinação com que se mantinha nas mesmas e, também, na coragem demonstrada em embates solitários com opositores poderosos. A atitude de exigir de seus pares respeito e reconhecimento de seus direitos, assim como de outras mulheres, poderia sugerir uma atitude sonhadora naquele cenário social tão excludente. No entanto, a "tola intrépida", tal como a escritora identificava a si mesma de forma bem-humorada, mostrava-se muito pouco "tola" e muito mais "intrépida", se considerarmos seus posicionamentos e os caminhos escolhidos nas batalhas travadas. Nessas lutas, inspiradas por ideais que poderiam ser considerados utópicos e, no limite, inatingíveis, mostrava, por outro lado, forte senso de realidade e determinação inabalável, mirando as mudanças possíveis. A tolice poderia ser compreendida como uma imagem útil a que a própria escritora recorria em sua caracterização, como um disfarce a encobrir a sua força e que poderia lhe conferir vantagem naquele campo de disputas desfavorável.

Ao utilizar a metáfora recorrente da "esgrima" como expressão do combate através das

⁵ Sobre o conceito de campo, dialogamos com estudos de Pierre Bourdieu (1974) e sobre a história dos intelectuais e a categoria de "redes de sociabilidade", com os de Jean-François Sirinelli (1996).

⁶ No campo da história, ver, por exemplo, SOIHET; ESTEVES (2008) e, em meio aos estudos literários, merece destaque a importante tese de HELLMANN (2015), resultado de densa investigação dedicada à obra da autora.

⁷ Sobre a riqueza das crônicas como fontes documentais em estudos historiográficos, ver o texto "Apresentação" de CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005.

palavras, Carmen Dolores sugeria mobilizar, em seus textos e na luta desigual empreendida, qualidades como racionalidade e argúcia, em uma dinâmica de ataque e de defesa, visando à obtenção de sucesso e de resultados práticos e afinados com seus objetivos (DOLORES, 8 abr. 1906, p. 1). Demonstrava, desse modo, adotar uma perspectiva tática (CERTEAU, 1994) nos enfrentamentos na esfera pública, o que também se observa na atuação de outras contemporâneas suas, e do movimento feminista de seu tempo, para o qual a intelectual focalizada forneceria uma significativa contribuição.⁸

Por meio de suas crônicas, Carmen Dolores inseria-se nos debates de seu tempo, fazendo com que sua voz fosse ouvida por um público ampliado, apesar dos bloqueios impostos a indivíduos de seu gênero. Assumindo, segundo suas palavras, a responsabilidade de "comentar os fatos da semana" em sua coluna, (DOLORES, 23 jul. 1905, p. 1), a cronista, para além de responder ao objetivo desprezioso anunciado, desempenhava o papel de estimular a reflexão de seu público leitor sobre temas relevantes. Em meio a assuntos diversos e leves sobre a vida cotidiana na cidade do Rio de Janeiro, sobre o país ou outras sociedades, com destaque para o panorama cultural e artístico, tratados com frequência de forma espirituosa e sedutora, questões complexas relativas à vida social brasileira eram também analisadas com profundidade e embasamento rigoroso.

Dialogando com estudos do campo da história cultural e da história dos intelectuais, observa-se que Carmen Dolores atuava no mundo das letras do Rio de Janeiro e do país na virada do século XIX para o XX, como criadora de bens culturais, sendo reconhecida pela autoria de obras de gêneros diversos que circularam por diferentes meios naquele ambiente. Por outro lado, apresentava-se também, de forma nítida, como mediadora cultural,⁹ principalmente através de sua atividade de cronista, desempenhada na

imprensa carioca e brasileira, procurando educar leitores, leitoras e a sociedade em termos mais amplos sobre os temas enfrentados e buscando formar opiniões que fortaleceriam as lutas consideradas relevantes.

Em um de seus textos semanais, a escritora alertava seu público sobre a gravidade da análise que iria desenvolver na coluna, relacionada ao tema da religião, indicando que o tom poderia não ser o esperado "[...] deste gênero de trabalho, cujo cunho característico reside sobretudo em certo superficialismo leve e elegantemente risonho e cético, roçando pelas questões do dia [...]" (DOLORES, 2 ago. 1908, p. 1). Fazia referência bem-humorada, em outra crônica, ao fato de ter utilizado aquele espaço para defender, de forma séria, um ponto de vista sobre uma outra questão considerada pertinente, desculpando-se pelo tamanho do "sermão" dado no texto (17 dez. 1905, p. 1). Se, por vezes, brincava com leitores sobre a expectativa de que deveria diverti-los "com alguma novidade destes sete dias", respondendo ao que deveria ser o seu "feliz repouso dominical" (9 set. 1906, p. 1), em outros momentos assumia claramente a intenção de "instruí-los" (21 jan. 1906, p. 1), expressa com clareza, como um projeto racional de conscientização de seu público leitor (VELHO, 1994).

Por ocasião de sua morte e da homenagem prestada por diferentes veículos da imprensa e por expoentes do mundo das letras, o alcance de sua voz como intelectual pública era ressaltado em matéria não assinada publicada no *Correio da Manhã* (CARMEN..., 17 ago. 1910b, p. 1), em que era ainda sublinhado o distanciamento de seus textos de um estereótipo bastante compartilhado socialmente então, em torno da escrita feminina: "Carmen Dolores [...] pontificava para a grande massa. Ela era do público, do grande público. Não escolhia os assuntos nos mostradores de armários, mas na larga agitação literária do momento." Em outro artigo publicado em *O Paiz*, elogiando a escritora falecida, Gilberto Amado valorizava a palavra "forte, clara, destemerosa [...]" violentando pela crieza a

⁸ Em estudo sobre a líder feminista Bertha Lutz, Rachel Soihet opera com a noção de "feminismo tático", com que dialogamos nesse trabalho (SOIHET, 2006).

⁹ Sobre a atuação de intelectuais mediadores, explorada tanto em uma perspectiva teórica, quanto em estudos historiográficos de recorte temático, ver: GOMES; HANSEN, 2016.

sonolência dos leitores bisonhos" (AMADO, 21 ago. 1910). O testemunho desse escritor que a substituiu na coluna "A Semana" fornece elementos valiosos para a reflexão sobre o papel de interferência da escritora junto ao grande público, sendo, nesse caso, destacada sua intenção de retirar leitores de uma posição confortável, ao estimulá-los a pensar sobre temas densos e difíceis, diferentemente do que poderia ser aguardado de uma mulher ocupando o espaço de um jornal de domingo, um dia da semana comumente associado ao ócio, ao descanso e às leituras amenas.

Sobre a ação empreendida de formação da consciência de seus leitores e leitoras, não é possível aferir com exatidão a efetividade alcançada. Se a recepção da leitura pelo público representa um processo ativo em que os sujeitos constroem sentidos próprios, este não esteve no horizonte desse estudo, devido a seus limites, ainda que sua importância não tenha deixado de ser levada em conta, como orientam os trabalhos do campo da história cultural. Entendo, no entanto, ser possível considerar que as ideias da intelectual Carmen Dolores tenham produzido impactos relevantes em seu público numericamente significativo, segundo indicam testemunhos de contemporâneos a seu respeito. Um outro indicio valioso a fortalecer essa interpretação encontra-se na menção ao nome da escritora, em um plebiscito lançado pela revista *Careta*, em abril de 1909, em torno da questão: "Qual deve ser o futuro presidente?". Com a contabilização dos votos, em que foi registrada a vitória do Barão do Rio Branco, a publicação apresentava Carmen Dolores como a única mulher citada. Ainda que com poucos votos, o fato de ter sido lembrada pelos leitores do periódico e de não haver nenhuma outra mulher na listagem sinaliza para o lugar de destaque ocupado como intelectual pública em um cenário tão impeditivo para sujeitos de seu gênero (O NOSSO ..., p. 56, 3 jul. 1909).

Por um "feminismo verdadeiro"

Para além do protagonismo em ações voltadas para a obtenção de reconhecimento no meio literário, Carmen Dolores esteve engajada em

uma luta maior, tendo como bandeira os direitos femininos. A "construção de ideias adiantadas" sobre as mulheres, recomendada no trecho apresentado como epígrafe desse artigo, assumiu grande centralidade em sua trajetória intelectual, representando uma das principais tarefas desempenhadas por sua pena combativa semanal com vistas à educação da sociedade brasileira.

Se termos diversos e equivalentes aparecem com muita frequência nas crônicas analisadas, marcando seu protagonismo nos embates travados no mundo das letras, a palavra "luta" terminou associada à escritora de uma forma emblemática. A *luta* foi o título dado a seu único romance, publicado inicialmente em 1909 no *Jornal do Commercio* sob a forma de folhetim, no qual são apresentados diferentes embates envolvendo a personagem Celina, uma jovem recém-casada que se desencanta com sua vida de esposa e mãe, circunscrita a uma casa também dividida com a sogra pouco amistosa. Em meio aos conflitos narrados, a autora confere destaque ao estabelecido entre a expectativa romântica que mobilizava a jovem protagonista ao casar e o cotidiano tedioso compartilhado com um marido caracterizado como um homem muito submisso à mãe e conformado com uma vida modesta e apagada.

Nesse romance, Carmen Dolores tematizou o casamento de forma bastante realista, explorando seu impacto no cotidiano feminino, o que também se verifica em seus artigos opinativos, e pode ser percebido em sua abordagem da educação das mulheres. A associação entre esses assuntos foi bastante desenvolvida, como na crônica em que respondia a um plebiscito proposto pelo jornal *O Paiz*, formulado através da pergunta: "Como deve ser educada a mulher?" Estimulada pelo chamamento do jornal, Carmen Dolores assinalava a importância da atenção a limites impostos pela cultura e por valores e expectativas sociais:

Penso que – dadas as ardentes e legítimas aspirações de todos os pais brasileiros, que visam o casamento como fonte de respeitabilidade e base de apoio garantido para suas filhas, essas filhas não podem ir contra a corrente e têm de ser forçosamente educadas para o casamento. (...) Por muito tempo, o casamento é e será o supremo objetivo da menina e dos pais da menina (...).

A doce e lânguida brasileira ama as submissões do lar (...).

E ir contra isso é pregar no deserto, fiquem certos. Logo, a menina tem que ser educada para o casamento, fatalmente, irremediavelmente, pela força das tradições, (...) dos preconceitos, do temperamento, de tudo." (DOLORES, 8 abr.1906, p.1).

Apesar de ressaltar a força de crenças solidamente enraizadas e compartilhadas sobre o lugar da mulher na sociedade, indicando ainda a conveniência de sua consideração na reflexão sobre a educação feminina, Carmen Dolores teve justamente no enfrentamento desses preconceitos uma das principais batalhas a que se dedicou. A abordagem realista evidenciada da questão do casamento pela escritora, por exemplo, pode ser compreendida como uma atitude tática, em que eram visados resultados objetivos quanto ao convencimento do público cujos "espíritos" intentava educar.

Em sua análise, a cronista parecia compreender não ser possível às mulheres daquele tempo escaparem, ao menos não totalmente, do que apresentava como um "triste destino feminino" (DOLORES, 8 abr. 1906, p. 1) que conferia centralidade ao casamento, gerando a necessidade de sua formação para o exercício das funções de esposa, mãe e dona de casa. Enfatizava, no entanto, que a educação feminina não poderia se resumir a essa dimensão. Ainda que a concretização do enlace matrimonial e a vida no lar compusessem o itinerário feminino tradicionalmente planejado, em uma realidade ancorada em padrões de gênero rigidamente estabelecidos, Carmen Dolores orientava que a educação das moças precisaria incorporar a possibilidade de futuros diferentes daqueles sonhados pelas famílias e, com frequência, também por suas filhas. No futuro tornado presente, o casamento poderia vir a não se concretizar, o laço conjugal poderia ser desfeito por viuvez ou separação, ou o marido poderia não corresponder a contento ao papel de provedor exclusivo dele esperado. Todas essas situações levariam à necessidade de a mulher buscar seu sustento, e às vezes de sua família também, ou de contribuir para as despesas do lar.

Assim como em outros textos dedicados à apresentação de obras literárias ou teatrais brasileiras e estrangeiras em que adotava uma estratégia de mediação cultural, ocupou-se, em uma de suas colunas dominicais, da análise do romance de cunho feminista *La rebelle*, da popular autora francesa Marcelle Tinayre. Com um olhar elogioso dirigido ao livro, sublinhava, acerca da personagem principal, o exemplo de "lutadora" que, diante da doença do marido, viu-se na contingência de trabalhar, passando a simpatizar com o feminismo:

Afinal, ela, como as outras no seu caso, teria preferido o amor protetor do homem e as doces servidões do lar; mas uma vez que esse elemento favorável lhe faltou, que remédio senão fazer concorrência ao trabalho masculino, para evitar a fome? (DOLORES, 23 set. 1906, p. 1).

Ao apontar ironicamente que as "doces servidões do lar" comporiam o horizonte desejado por mulheres, mostrava que era com esse cenário que deveria lidar, como formadora de opiniões. Parecia querer contar com leitores e leitoras mais abertos a assimilar suas mensagens destinadas a combater preconceitos, sugerindo que para vencê-los, ou ao menos enfraquecê-los, seria importante considerar taticamente a "força das tradições" (DOLORES, 8 abr. 1906, p. 1).

A partir de seu próprio exemplo, apoiava enfaticamente a preparação das moças para o exercício de funções remuneradas, em caso de necessidade, sendo justamente essa alegação a mais mobilizada na defesa de uma educação feminina consistente. Por esse caminho, enfatizando a imprevisibilidade da vida, parecia tentar agregar força argumentativa à mensagem, também emitida, em favor dessa formação como um direito das mulheres, em uma perspectiva de cidadania. Ainda na coluna em que respondia à questão levantada pelo jornal *O Paiz*, explorava a ideia de que "a educação da mulher tem que ser providente, trate-se ou não do casamento":

[...] que na educação para o casamento, [...] se enxerte prudentemente o corretivo de um preparo para qualquer eventualidade futura. Conte a mulher *sentimentalmente* com o homem, já que não pode prescindir do amor – e

na nossa raça, o amor é o casamento; mas conte *praticamente* consigo mesma para o que possa advir de anormal.

E esta forma de educação requer toda uma ordem de conhecimentos que não sejam apenas frívolos. Que adianta a mulher tocar uma valsa [...] ou cantar languidamente um romance [...]? Para agradar, basta, para ajudar a viver, é muito pouco.

Aprendam elas música a fundo, e português castiço, e línguas, e a arte sólida do cozer, bordar, cozinhar, fazer doces – o que, de resto, não exclui a graça da toilette nem do sorriso.

Isto aprendido como base, deixem correr o marfim (DOLORES, 8 abr. 1906, p. 1, grifo da autora).

A educação conduzida nesses termos, propiciando o acesso a conhecimentos relevantes, tanto no aspecto intelectual, quanto prático, abriria caminhos para a obtenção de recursos financeiros por mulheres, segundo transmitia a leitoras e leitores. Ao explorar essa questão, recorria à sua experiência pessoal, sublinhando ter iniciado sua atividade literária por diletantismo, como era esperado de uma mulher de condição social favorecida. Duas situações trágicas ocorridas em sua vida, no entanto, a de sua viuvez, seguida da morte do filho mais velho, responsável pelo sustento da família, eram apresentadas como contingências que a teriam levado a buscar remuneração como escritora.¹⁰ Reforçava, através desse relato, que o caminho profissional trilhado, incluindo a ocupação de um importante espaço na imprensa, somente teria sido possível devido à sua sólida formação intelectual. Em uma de suas crônicas, refletia criticamente sobre a distância observada entre a formação comumente obtida pelas moças – associada a uma religiosidade superficial e a uma cultura de base ornamental – e aquela que havia recebido, valorizando seu percurso e os conhecimentos adquiridos para a carreira literária:

Que culpa tenho, afinal, se me não educaram pelas cartilhas dos conventos ou das instituições religiosas, aprendendo a preparar doces e biscoitos, nos primeiros e nas outras a fazer bem a reverência nos *parloirs* amáveis, a recitar fábulas em francês e a conhecer o exato valor

da hipocrisia social e da reza nas capelas floridas, como governo da vida? Criada em uma escola prática, recebendo ensino forte dos conscienciosos homens do passado, quando Deus era ainda adorado sem os fanatismos piegas, excessivos, convencionais e ambiciosos do presente, é natural que me pareça perfeitamente justo usar da pena como uso (DOLORES, 9 ago. 1908, p. 1, grifo da autora)¹¹

Ainda que mostrasse negociar com a realidade na consideração da “força das tradições” na educação feminina, Carmen Dolores não deixava de denunciar com vigor a disseminação de ideias retrógradas acerca das mulheres, o que fazia ao focalizar o tema do trabalho, um dos que mais mobilizaram a sua pena combativa. No artigo sobre o plebiscito acerca da educação da mulher, desenvolveu uma análise indignada, a partir da pergunta, incluída na enquete, sobre os “gêneros de trabalho em que a mulher pode, sem decair, ganhar a vida em nossa terra”:

Agora, quanto ao gênero de trabalho em que pode ela ganhar a vida em nossa sociedade, sem decair, eu responderei ao plebiscito de O Paiz, muito nitidamente e sem uma vacilação, com uma só palavra:

- Nenhum.

E repito, e repetirei sempre:

- Nenhum.

Os nossos costumes, por isso mesmo que são ingênuos e se apoiam em preconceitos e tradições, não admitem a mulher que trabalha.

(...) confesse a imprudente que deve unicamente ao seu labor o pouco que tem – e todos a encaram logo com reserva e desconfiança.

“*Fulana* já está cozendo para fora, sabe? Já manda vender biscoitos, coitada! Já está obrigada a dar lições para viver, infeliz!... (...)”

Assim mesmo as professoras já lograram subir um pouco na cotação social. As médicas vão impondo-se pouco a pouco ... Mas as dentistas e as advogadas estão custando a ganhar terreno. E quanto às escritoras, ai, santo nome de Jesus! que horror!...

Coitadinhas delas!... (DOLORES, 8 abr.1906, p.1)

Encaminhando sua crítica à reprovação social dirigida ao trabalho da mulher, em um sentido

¹⁰ Cabe ressaltar o fato de Carmen Dolores ter iniciado sua carreira literária de forma tardia, aos 45 anos de idade, e de seu percurso na cena das letras ter sido relativamente breve, por ter falecido treze anos depois. A excepcionalidade de sua trajetória e o prestígio alcançado em tão pouco tempo podem representar fatores adicionais a estimular o interesse por sua figura e sua obra

¹¹ Não foram obtidas informações precisas sobre a formação da escritora. No entanto, há indícios que sugerem a possibilidade de ter contado com mestres no espaço da casa, e de ter recebido uma educação pouco comum para moças de seu tempo.

amplo, denunciava ainda a seletividade dessa rejeição, que atingiria como alvos principais aquelas cujos caminhos profissionais fossem apoiados em seus dotes intelectuais. Segundo indicava, a obtenção de remuneração por meio de atividades conduzidas a partir da casa, como extensão dos afazeres domésticos comumente associados ao mundo feminino, seria mais bem aceita socialmente. Além da identificação da mulher ao espaço privado do lar, o fato de o trabalho manual figurar em uma posição inferior diante da ocupação intelectual poderia sugerir que, de forma menos censurável, fosse desempenhado por mulheres, reforçando hierarquias tradicionalmente estabelecidas.

Respondendo à censura do professor e jornalista Dr. Carlos de Laet¹² dirigida à mulher que trabalhava como uma "rival (do homem) nas rudes competições da vida", em situação indicativa de um "pedantismo feminista" de que também Carmen Dolores seria acusada, a cronista assinalava, mais uma vez com ironia, que talvez fosse esperado que "me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar...". E se dirigia a outras mulheres: "Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! [...] considerai que esse afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do feminismo..." (DOLORES, 30 jun. 1907, p. 1). Em outro artigo, denunciava:

E se alguma rompe a rotina, trabalha, escreve, dá lições, as outras, e também os homens, todos esticam um desdenhoso beijo e murmuram, abanando gravemente com a cabeça:

"Anda por aí ganhando a vida, ensinando, fazendo uns livros... É quase uma desqualificada..." (DOLORES, 4 jun.1905, p.1)

Ao mesmo tempo em que satirizava a imagem de "coitadinha", ou de "desqualificada" associada às escritoras, defendia, com orgulho, seu papel profes-

sional exercido na imprensa diante do mesmo Carlos de Laet, com quem travou intensas polêmicas:

De resto não me envergonho de ser jornalista [...]; e não me envergonho porque, quando a adversidade bateu à minha porta, não me perguntou se eu era mulher ou homem, [...]: aconselhou-me apenas que eu usasse a faculdade que mais viva se encontrava em meu cérebro, para ganhar o meu pão e o da minha família (DOLORES, 9 ago. 1908, p. 1).

Sobre as gradações do preconceito dirigido à atuação profissional de mulheres, apontava que, no universo das atividades não manuais, apenas o magistério sofreria menor rejeição. Ainda que a crítica ao trabalho intelectual também as atingisse, o fato de as professoras virem ocupando progressivamente um lugar de destaque na condução da escolarização de crianças contribuía para a crescente assimilação dessa tendência. Em um de seus artigos, a cronista citava um trecho da revista *Ilustração Brasileira*, apresentando esse quadro: "A única ocupação intelectual para o sexo feminino no Brasil é o magistério primário, que lhe está quase exclusivamente entregue" (DOLORES, 6 jun. 1909, p. 1). Merece registro a expressão, em diversos discursos da época, de representações associando a docência à suposta natureza feminina e à maternidade, aspecto que teria contribuído significativamente para a aceitação social gradativa do desempenho dessa função por mulheres, assim como para o próprio processo da chamada feminização do magistério, segundo indicam muitos estudos do campo da história da educação.

Também outras profissões cujo exercício por mulheres sofria interdições bem mais acentuadas foram apontadas em textos da autora, muitos dos quais trataram da figura de Myrthes de Campos, notabilizada pelo papel feminino pioneiro no campo do direito.¹³ Além de ter denunciado a discriminação sofrida pela advogada no ambiente

¹² Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (1847-1927) foi jornalista, professor e poeta carioca, e ainda membro da ABL. Monarquista e católico fervoroso, fortemente ligado à Igreja, exerceu a docência da cadeira de Português no Colégio Pedro II e como homem de letras, teve presença marcante na imprensa, atuando em diversos jornais. Foi responsável pela coluna semanal *Microcosmo* em *O Paiz*, em que expressou ideias identificadas ao tradicionalismo religioso católico e ao antifeminismo, colidindo, com frequência e de forma por vezes agressiva, com Carmen Dolores, o que levou ao estabelecimento de um verdadeiro duelo entre ambos, nas páginas do jornal em que colaboravam.

¹³ Nascida em 1875, Myrthes de Campos, a primeira mulher a exercer a advocacia no país, bacharelou-se em 1898 na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, tendo encontrado grandes dificuldades para exercer o direito, devido às pesadas barreiras sociais interpostas à atuação de mulheres brasileiras na esfera pública. A advogada encontrou em Carmen Dolores uma defensora ardorosa de seu direito ao exercício da profissão, tendo ainda se aproximado da escritora pela participação intensa de ambas na campanha pelo divórcio (GUIMARÃES; FERREIRA, 2009).

jurídico da época, Carmen Dolores combateu ainda a incoerência da restrição ao desempenho de sua atividade profissional, mesmo após ter sido facultado a ela, com base na legislação vigente, graduar-se no curso superior:

A lei é engraçada, não há dúvida. Não protege absolutamente a mulher, (...), e ainda por cima quer vedar-lhe os meios de ganhar ativa e honestamente a sua independência!

Assim também, além de engraçada, a lei é absurda e sustenta incoerências que até fazem rir. Admite por exemplo que a mulher curse a faculdade jurídica e queime as suas pestanas no estudo do direito, até obter, como qualquer homem, o grau de bacharel(...).

Chegada, porém, a esse derradeiro marco, o que sucede a mulher? (...)

"Alto lá, frágil criatura! Nós (...)te reconhecemos incapaz de receberes o prêmio desse curso e te negamos as qualidades legais para a profissão de advogado." (DOLORES, 1 jul.1906, p.1)

Um argumento comumente mobilizado pela autora em favor do trabalho feminino apoiava-se na comparação com a situação de outros países, como a França, valorizados então como referências de civilização e de progresso. Apresentava, por exemplo, o caso da advogada francesa Helena Miropolski, indicando ser possível a ela "defender uma acusada sem medo algum das farpas do ridículo, sem a ameaça dos insultos vis, soltando a torrente da sua eloquência, [...] num tribunal de homens com plena segurança da sua profissão." Já em nosso país, o panorama mostrava-se bem distinto, com uma advogada como Myrthes de Campos tendo que "engolir os continuos ultrajes que lhe são assacados, em estilo de gajo, por homens que se dizem sérios e são apenas desaforados, covardes no fundo da sua insolência, porque só a usam com mulheres [...]" (DOLORES, 6 jun. 1909, p. 1).

Seguindo na análise da sociedade francesa, afinada, em sua visão, com as "evoluções do tempo" (DOLORES, 4 jun. 1905, p. 1), Carmen Dolores exaltava o movimento feminista, destacando sua aceitação social naquela realidade e o profundo contraste com o contexto brasileiro:

Escritoras, enfim, médicas, pintoras, escultoras, jornalistas, a *Sévérine* e outras, por exemplo,

conferencistas, mulheres *reporters*, fazem a sua vida como querem e entendem no meio desse movimento intenso, pensante e social, que alarga horizontes e ideias, estimula a inteligência [...] não dando tempo a preconceitos ferrenhos, filhos das horas vazias, às críticas vulgares e ferinas, ao latido estúpido daqueles que nem compreendem coisa alguma, mas acham que devem meter o bedelho em todas as questões elevadas da época, interpretadas não raro erradamente e logo combatidas com o malho da injúria torpe e anônima, em baixo calão (DOLORES, 6 jun. 1909, p. 1).

Recorrendo ao sarcasmo, explicitava o abismo entre as duas sociedades, traduzido no

[...]atraso em que nos rebolamos aqui, contentes e até arrogantes, julgando que a mulher inteligente é uma desqualificada, que a mulher que trabalha é um ente de que se devem rir até os obeliscos, que a independência do pensar é um desaforo, uma pouca vergonha e que isto assim é que é bom, está muito bem, não deve, não pode ser de maneira alguma alterado pela evolução do progresso, ou bordoadada em quem tenta essa asneira formidável?!... (DOLORES, 6 jun. 1909, p. 1).

Em outro artigo, ressaltava a força assumida pelo feminismo em nosso país, estimulando ainda o enfrentamento da resistência masculina em relação à afirmação das mulheres no espaço público:

E agora que o feminismo caminha em nosso meio a passos de gigante, pela força da necessidade que impele a mulher a aproveitar suas aptidões em socorro da vida material, cada vez mais árdua - não seria conveniente aparmos as penas de galo de alguns desses pobres de espírito que se fingem de brilhantes pavões e cujos tacanhos pareceres vão sempre dando para baixo nas mulheres que lutam pelo pão ou pela glória, trabalham, escrevem, ensinam, fazem arte, são pintoras, escultoras, médicas, advogadas, jornalistas?

Penso que sim. (DOLORES, 21 abr.1907, p. 1)

Indicando que o "temor da concorrência" alimentaria a oposição à causa feminina, denunciava os "antifeministas" que se utilizavam da arma do "ridículo – triste arma da covardia" para expor mulheres e desdenhar do seu valor. Respondia em tom revoltado ao deboche a que aqueles recorriam, como através da frase emblemática, citada em francês: "Ora, sejam boazinhas, nada de barulho: nós lhes daremos belos vestidos (tradução nossa)".¹⁴

¹⁴ A frase original citada pela autora é: "Allons, soyez sages, pas de bruit: on vous donnera de belles robes."

Bonitos vestidos? Mas é justamente o que a feminista não quer que lhe deem, porque vestidos dados custam muito caro: custam a desonra, a humilhação e depois o desprezo, sob a forma de um dedo que aponta na rua – o dedo do próprio que deu o vestido.

E por isso a feminista trabalha e compra aquilo que lhe é necessário com seu dinheiro, fruto do seu nobilitante labor. Estão ouvindo? E começa a parecer um tanto impertinente, além de parvo e atrasado, que (...) ainda haja alguém que, fingindo espírito, queira tratar a mulher laboriosa, a mulher valente, como uma espécie de Sinhá pateta, a quem se promete balas e cocadas se ficar quietinha na cozinha (...)

Ora, façam o favor... Isto é que é ridículo, e o tempo não está mais para semelhantes frioleiras." (DOLORES, 11 ago. 1907, p.1)

A defesa dessas "lutadoras" e de seu direito ao enfrentamento da vida contando consigo próprias e a indignação com a covarde zombaria masculina mostram-se presentes em muitos de seus textos, sinalizando para a afinidade da escritora com o feminismo. Em seu apoio ao feminismo, esse era focalizado no sentido do movimento em si, que reunia mulheres em torno da bandeira de seus direitos, mas também, por outro lado, era tratado como expressão do protagonismo cotidiano, mesmo que individual, de mulheres na esfera pública. Apesar da sintonia com o movimento, expressa na maior parte de seus escritos, Carmen Dolores chegou também a emitir algumas críticas em sua direção, como na fala:

Só compreendo o feminismo como meio de garantir à mulher o direito de concorrer ao trabalho, igual ao homem, quando precisa lutar pela vida; mas acho inútil a sua incorporação à política, forma apenas grotesca de um exibicionismo sem necessidade, que fere preconceitos sem vantagem, senão para a vaidade feminina (CARMEN..., 17 ago. 1910a, p. 3).

Merece registro a manifestação pela autora, em diversas ocasiões, de sua desconfiança em relação à política formal em termos amplos, assumindo inclusive uma postura crítica em relação ao regime republicano em seu alvorecer. Na pas-

sagem citada, mostrava sua suspeição dirigida também ao feminismo como ação organizada e articulada ao campo da política, observando, nesse caso, a presença de posicionamentos por vezes alimentados pela vaidade, e sem efetividade prática. Em outros momentos, no entanto, ainda que marcasse sua distinção em relação às mesmas, fez referência a figuras que seguiram o caminho da política, como Leolinda Daltro,¹⁵ reconhecendo seu mérito e valorizando a multiplicidade de expressões das lutas feministas.

No seu caso, posicionava-se com convicção em defesa de um "feminismo verdadeiro", que se expressaria por meio de situações concretas de ocupação de espaços pela mulher na esfera pública, ainda que de modo individual e com os limites impostos pela realidade. Alguns casos foram destacados em suas crônicas, como o de duas senhoras nomeadas para funções profissionais no Museu Paraense, sendo exaltadas por esse feito e comparadas com Mme. Curie, ocupante de uma cadeira na Sorbonne: "Assim, pois, em Paris e num dos mais adiantados Estados do norte brasileiro, mulheres são distinguidas por uma escolha de seleção que a rotina, outrora, não consentiria que recaísse senão sobre homens." Reconhecendo o dinamismo das lutas cotidianas de mulheres em diferentes espaços, com interdições, mas também ganhos, valorizava: "É um passo à frente na senda do **progresso feminista**" (DOLORES, 6 jan. 1907, p. 1, grifo meu). Na mesma direção, em outro artigo, celebrou o sucesso de uma amiga aprovada em concurso para a cadeira de francês de um ginásio paraense, tendo obtido vantagem diante de um concorrente homem, bacharel em direito: "[...] graças a ela, no Pará o **feminismo – mas o verdadeiro**, que se deve admirar – teve no Brasil um fulgurante triunfo" (26 jun. 1910, p. 1, grifo meu).

Seguindo a visão da escritora sobre o tema, as conquistas alcançadas ao longo de sua própria

¹⁵ Nascida na Bahia em meados do século XIX, Leolinda de Figueiredo Daltro viveu no Rio de Janeiro, tornando-se próxima de figuras de relevo no campo da política, como do republicano positivista Quintino Bocaiuva e da primeira-dama Orsina da Fonseca. Após ter desenvolvido experiências voltadas para a educação e incorporação de indígenas à sociedade em bases laicas, passou a se dedicar fortemente à causa feminista e à campanha pelo voto da mulher, na capital da república. Além de ações dirigidas à educação feminina, fundou, em dezembro de 1910, o Partido Republicano Feminino, estimulando a mobilização em torno do direito ao voto e à emancipação das mulheres. Faleceu em 1935, três anos após a institucionalização do voto feminino no país. (MELO; MARQUES, 2010).

trajetória de 13 anos na cena pública poderiam ser compreendidas como expressão dessa forma efetiva de feminismo, envolvendo resultados objetivos. Nesse quadro, inscreve-se o reconhecimento da qualidade literária de sua obra por público e crítica, o impacto social de suas ideias, visível, por exemplo, na citação de seu nome para a presidência da república e, também, a realização financeira obtida como culminância de uma luta em que o sustento de sua família era apresentado como motivação principal para a carreira profissional. Na reflexão sobre o tema, poderia ser citado um dos embates com o intelectual católico Carlos de Laet, também colunista de *O Paiz*, em cujas páginas ambos duelaram.

A principal motivação do confronto envolveu a crítica cortante dirigida pela escritora, questionando os impactos na sociedade brasileira de um catolicismo marcado pelo "jugo absoluto do clericalismo", gerando fanatismos, obscurantismo e a transformação "de uma religião de paz e de amor [...] em religião de ódio e domínio [...]". Denunciava a "hipócrita e absorvente carolice, em que vícios se tornam qualidades dignas de manso louvor, se acobertados pelo beneplácito clerical" (DOLORES, 2 ago. 1908, p. 1). A expressão de pontos de vista corajosos por meio de sua "pena quixotesca" provocou uma reação violenta do jornalista e professor que, muito identificado à concepção de religião criticada pela escritora, "amigo de todos os bispos e de todos os padres, advogado incondicional dos seus interesses" (9 ago. 1908, p. 1), respondeu aos posicionamentos de Carmen Dolores, manifestando-se de forma desqualificadora e violenta em relação à sua oponente, em uma atitude claramente preconceituosa e discriminatória. Lançando mão do deboche, questionava o direito da escritora a ocupar um lugar no debate: "Antigamente não entravam senhoras no jornalismo..." (LAET, 5 ago. 1908, p. 1).

Aos comentários desagradáveis, a escritora respondeu com firmeza, dizendo jamais "ter fugido de uma arena de luta" e justificando que "caretas não me metem medo" (DOLORES, 9 ago. 1908, p. 1). Denunciava a postura de Carlos de Laet "agredindo a minha pessoa e não as minhas

ideias, procurando ridicularizar-me, mostrar-me ao público como uma ignorante, uma idiota, o que não me custou muito a refutar, graças a Deus!" (30 ago. 1908, p. 1). Nesse processo, inscrito no panorama de competição intelectual em que, segundo João do Rio, a escritora ocupava um lugar destacado, apesar dos limites, interessante é lembrar o comentário de Gilberto Amado sobre o fato de Carmen Dolores ter sido a cronista mais bem paga de seu tempo. Após apresentar essa informação, o escritor a complementava, indicando que "ela recebia mais que Carlos de Laet" (AMADO, 1956, p.46). Seguindo sua própria abordagem sobre diversos casos envolvendo conquistas femininas, essa situação poderia ter sido saudada pela escritora, por sua dimensão de vitória na prática em um ambiente intelectual desfavorável à mulher e ainda, em particular, pela ironia implícita na vantagem obtida diante de um opositor que a desqualificaria.

Uma luta para além de seu tempo

Se o tema da agressão masculina como reação ao feminismo foi bastante desenvolvido pela escritora, sendo associado com frequência à sua própria experiência no campo intelectual, Carmen Dolores também denunciou situações de violência mais explícitas e referidas ao corpo feminino, ao focalizar episódios de assédio testemunhados nas ruas da capital da República e até mesmo de crimes cometidos contra a vida de mulheres. Uma outra questão que a mobilizou em sua atividade jornalística e sobre a qual procurou sensibilizar leitoras e leitores envolveu a condição das mulheres desquitadas, apresentada como de extrema marginalização social.

A lei que havia instituído o casamento civil na sociedade brasileira republicana, em 1890, contemplava a possibilidade de separação de corpos e bens, mas sem o rompimento do vínculo conjugal. Apesar do apoio jurídico aos casamentos desfeitos, a escritora apontava a infelicidade que marcaria a vida dos casais separados. Ainda que essa situação atingisse ambos os cônjuges, sendo vedada a possibilidade de novo matrimônio, os impactos do problema seriam vividos

com muito mais força pela "mulher desquitada" – ou "divorciada", como também era nomeada, já que a lei mencionava a palavra "divórcio" –, transformada, em sua visão, em "pária social, [...] solitária e suspeita a todos, sem proteção, sem muitas vezes recursos [...]" (DOLORES, 1910, p. 102).

Nesse "triste destino", associado, muitas vezes, ao abandono da esposa pelo marido, entre outras circunstâncias dolorosas para a mulher, a carência de recursos criaria a urgência de uma atividade remunerada, o que requeria formação prévia para seu enfrentamento, como a escritora costumava defender. A "pobrezinha" da divorciada, alvo da "ferocidade humana", segundo sublinhava, "se tem fortuna, vai vencendo a corrente; se não tem, braceja, luta, vítima dos maus, depois de vítima do casamento" (DOLORES, 18 mar. 1906, p. 1). Mas, ainda que a questão financeira assumisse importância central e mesmo que possíveis privações viessem a ser sanadas através do trabalho, o quadro de segregação extrema que marcaria a vida dessas mulheres, alimentado por preconceitos sociais, de modo geral embasados em concepções religiosas criticadas pela autora, envolvia implicações de outra natureza e de mais difícil solução.

De acordo com sua compreensão, a única resposta definitiva para um problema de tamanha gravidade se encontraria na revisão da lei, facultando à mulher a liberdade e a possibilidade de reposicionamento na sociedade, incluindo a oportunidade de novas núpcias. Segundo sublinhava, foi a percepção de tamanha injustiça em relação a mulheres vistas como "irmãs" (DOLORES, 15 set. 1907, p. 1) que havia transformado Carmen Dolores em grande defensora da causa na imprensa, atuando como "encarilhada, fervente, incansável partidária do divórcio com a dissolução completa do vínculo conjugal, permitindo a liberdade dos seus destinos àqueles que não podiam mais viver juntos" (DOLORES, 1910, p. 169). Apesar de mencionar também os homens como vítimas, o que talvez pudesse reforçar a adesão do público leitor à sua mensagem, enfatizava em seus escritos o drama feminino, envolvendo escassez de recursos e perda de respeitabilidade social. A despeito da proibição legal, era comum os

homens realizarem novas uniões, para as quais obtinham a aceitação complacente da sociedade, ainda que disfarçada pela hipocrisia, enquanto essa opção, mesmo insatisfatória, não se apresentaria para as mulheres, às quais somente restaria a solidão ou, em caso de relacionamentos dissimulados, a reprovação feroz da sociedade.

Nos primeiros anos do século XX, a questão do divórcio esteve em debate na sociedade carioca e brasileira, adquirindo força nos meios intelectuais, jurídicos e políticos. Um ponto assinalado pela escritora sobre sua participação nessa campanha foi de que a lei que instituiria o divórcio não se aplicaria a sua situação pessoal de mulher viúva, diferentemente do caso do feminismo, cujas bandeiras se confundiam com suas próprias lutas no mundo das letras e no espaço público, em termos mais amplos. Apresentava-se, então, "completamente livre para discuti-la [...]" (DOLORES, 15 set. 1907, p. 1). Através de seus textos opinativos, a cronista atuou de modo destacado como mediadora cultural, repercutindo vozes, mobilizando argumentos e encaminhando-os a leitoras e leitores, procurando informá-los e convencê-los a aderir à causa.

Segundo indicava, sua intervenção no debate se daria apoiada na razão, garantindo-lhe melhores condições de análise da questão diante dos posicionamentos apaixonados que viriam permeando aquele cenário: "[...] cumpre que alguém volte sempre a apanhar o fio reto da questão, não deixando formar-se o confuso novelo que é o objetivo de certos adversários dessa evolução social". Explicitava, assim, seu papel no combate pelas letras:

Compete então à pena, na paz do seu afastamento dos meios em que se travou a discussão, compete a ela não adormecer no silêncio egoísta do ambiente de trabalho e ir sempre auxiliando de longe a importante ação, oferecendo os seus serviços, fraquíssimos embora, aos generosos defensores da ideia adiantada.

É este o meu caso. E sempre que me seja possível, na medida das minhas insignificantes forças, estou pronta a hipotecar toda a minha inteligência, todo o meu vigor e toda a minha energia à causa [...], empenhando-me em ajudar com o meu apoio incondicional, deste cantinho obscuro, as suas belas tentativas em prol da liberdade individual – que outra coisa não representa o divórcio (DOLORES, 1910, p. 74).

Refletia, em outra crônica, sobre a efetividade de sua atuação como escritora na campanha em questão, ao comentar sobre cartas de leitores, críticas em relação a seu posicionamento:

Afinal de contas, se consideram esses artigos tão maus, tão desarrazoados e extravagantes, por que receiam a influência deles?

São arengas sem importância, que de modo algum podem perturbar o espírito dos legisladores, únicos que têm na mão os destinos desse grande problema social, ora discutido.

Mas não! A par do mundo de cartas judiciosas, gentis, [...] em menor número, chegam tingidas de bilis, agressivas, como se do bico da minha pena estivesse suspensa a decretação do divórcio...

Ah, que pena que assim não seja! Nesse caso felicíssimo [...] nem todos os estafetas do correio [...] me demoveriam jamais de estampar a minha assinatura, com uma letra enorme, no decreto libertador que abrisse as portas da Bastilha aos separados judiciais e outros condenados ao grilhão perpétuo.

Mas eu não sou um legislador, [...] sou uma obscura escrevinhadora, cujo único mérito é o de dizer com muita sinceridade e muita independência as suas opiniões (DOLORES, 1910, p. 104).

Se assinalava os limites de sua intervenção, a cronista tornava visíveis, ao mesmo tempo, os impactos de suas ideias, ao apresentar as reações aguerridas encaminhadas em sua direção, expressivas da forte resistência encontrada em nossa sociedade contra uma proposta que desafiava concepções tradicionais acerca do casamento, e questionava a cristalização de um lugar social subalterno da mulher.

Partindo de uma abordagem objetiva sobre a união conjugal, enfatizada em sua falibilidade, explicitava o caminho seguido no tratamento da questão: "Eu discuto o divórcio como um problema jurídico-social – mais nada. Pois que a sanção legal do casamento cessou de ser católica para se tornar exclusivamente civil [...]" (DOLORES, 1910, p. 105). Destacando que as leis civis conferiam o sentido de contrato a essa união, provocava a reflexão de seu público leitor:

Ora, todos os contratos podem ser cassados, anulados, de comum harmonia ou pela vontade de um só, caso o outro sócio não tenha preenchido as condições do ajuste. E todavia esse contrato civil, que é o casamento, mais melindroso ainda que todos os outros, porque a sua natureza especial põe em jogo interesses

humanos e não mercantis – só ele tem de permanecer indissolúvel, coagindo a liberdade individual, em virtude de preconceitos acanhados, rotineiros e cruéis? (DOLORES, 1910, p.67-68)

Em uma discussão que mobilizava preconceitos, ódios e irracionalidade, como ela mesma indicava, Carmen Dolores fazia questão de dar visibilidade a argumentos de base racional, de filósofos, pensadores, legisladores de diferentes tempos e nacionalidades, apresentando informações, ainda, sobre experiências concretas de adesão de sociedades diversas ao divórcio. Referindo-se a inúmeras situações históricas, localizadas desde a Antiguidade até um período próximo a seu tempo, leitores eram convidados a ampliar sua visão sobre o tema, sendo estimulados a refletir, por exemplo, sobre o processo que resultou na aprovação do divórcio na França, em 1884.

Em sua prática de mediação, um pensador importante trazido ao debate pela autora foi Erasmo de Rotterdam, cuja visão acerca do casamento e do divórcio, ressaltada em seu realismo, mostrava-se muito próxima da sua. Assinalava que o humanista holandês havia desenvolvido um "conscioso estudo dessa coisa terrível que se chama o casamento – medalha de duas faces que se tira a sorte e dá ingresso: de um lado, no paraíso até a morte; do outro, no inferno diário, cujo fogo ulcera as almas e pede-as sem remissão" (DOLORES, 18 mar. 1906, p. 1).

Deslocando sua atenção para o cenário intelectual de seu tempo, denunciou veículos de imprensa da cidade por seu silêncio deliberado acerca de posicionamentos em favor do feminismo e do divórcio tornados públicos pelo escritor Coelho Neto, em conferência intitulada "A mulher". Indignada com a abordagem parcial e preconceituosa do evento apresentada nos jornais, a escritora procurou preencher as lacunas criticadas, valorizando o brilhantismo e o conteúdo relevante da intervenção daquele intelectual de destaque na vida literária da capital da República e do país, em apoio a lutas nas quais esteve tão fortemente engajada. Segundo seu relato,

(...) depois de a descrever menina, moça, casada e mãe, rematou com a mais bela e vibrante

te peroração a propósito do feminismo e do divórcio. O seu eloquente apelo reboou pelo salão do instituto, proclamando a necessidade dessa lei libertadora, que nada tem de imoral e representa apenas um remédio para os casais infelizes.

Pois bem, nenhum jornal deu a peroração dessa esplêndida conferência literária: pararam todos, num sublime acordo, pararam todos... na maternidade. (...) E o que ninguém quis dizer, grito eu: Coelho Neto, o eminente homem de letras, acabou a sua última conferência lançando à sala inteira que o ouvia, a sua larga e generosa defesa do feminismo e do divórcio. (DOLORES, 15 set.1907, p.1)

Ainda em sua campanha, a escritora procurou combater com vigor discursos religiosos fortemente disseminados em oposição ao rompimento do laço conjugal, apelando à suposta imoralidade que seria incentivada pela lei, em caso de sua aprovação. Uma das formas desse enfrentamento se deu no próprio terreno da religião, ao expor muitas situações de adesão ao divórcio extraídas da Bíblia e com as quais mostrava sintonia, ao mesmo tempo em que marcava seu afastamento de um catolicismo denunciado pelo estímulo à hipocrisia, aos fanatismos e aos preconceitos. Na mesma direção tática, de utilização de um argumento do campo oposto para reforçar seu ponto de vista, defendeu a ideia de que a possibilidade de imoralidade ocorreria, de forma contrária à referida, em casos de separações sem rompimento do vínculo conjugal, que estimulariam arranjos amorosos ilegítimos, com repercussão negativa para filhos e famílias. Um outro ponto de vista ainda sublinhado indicava que a vivência de privações faria da "separada judicial [...] presa certa da prostituição" (DOLORES, 1910, p. 78). Na perspectiva desenvolvida pela autora, o divórcio possibilitaria a reparação da situação de instabilidade que poderia gerar condutas indecentes, apresentando-se como "solução leal, franca e decisiva, sem ambiguidades hipócritas" (DOLORES, 1910, p. 78).

Na luta empreendida pelo divórcio por meio de sua atividade como cronista, conduzida em um contexto em que debates ocorriam na esfera jurídica e no Senado, Carmen Dolores forneceu uma importante contribuição no enfrentamento de moralismos e de tradições arraigadas, promotoras da intolerância da discriminação. Interes-

sante é observar que, se comumente a escritora dirigia-se a leitores em um sentido amplo, sem endereçamento de gênero definido, em um de seus artigos fez um chamamento específico e enfático a mulheres desquitadas para usufruírem das informações que disponibilizava, estimulando-as a superar sua condição marginalizada, tendo como base a leitura: "Mas lêde, lêde, vós todas que sofreis! vítimas da lei que vos deixa amarradas, para assim dizer, a um cadáver [...] lêde tudo isso e aprendei a argumentar, a lutar, a defender-vos" (DOLORES, 1910, p. 64).

Se, por um lado, mostrava-se consciente dos limites gerados pela "força das tradições" em uma campanha voltada para a libertação de casais e, principalmente, de mulheres de uma situação de aprisionamento e marginalização, assinalava, também, sua crença no futuro e na transformação da lei. Em um de seus artigos, mirava esse horizonte:

O divórcio há de fazer-se, porque o movimento já rompeu, inteligente e enérgico, contra a fatal rotina.

E aqui, ali, nas tribunas ou nas praças, por meio da palavra, ou nos jornais, por meio dos escritos, o protesto se levantará, como nessas linhas, cheio de veemência e tendo por si a força da verdade... (DOLORES, 1910, p.80)

O trecho acima foi extraído de uma das sete crônicas sobre o divórcio que a escritora reuniu em livro publicado no ano de sua morte, em 1910. Através desse meio, Carmen Dolores parece ter aberto um caminho para continuar contribuindo na direção da constituição de uma opinião pública favorável ao tema na sociedade brasileira, mesmo após o fim de sua vida. Ao perenizar seus posicionamentos na materialidade de uma obra impressa dotada de permanência, diferentemente das páginas diárias de um jornal, sugeria a manutenção de sua presença em um debate que somente quase sete décadas depois, resultaria na edição da lei desejada.

Também com relação às questões femininas em um sentido mais ampliado, sua contribuição mostrou-se presente para além de seu tempo, sendo significativa a publicação póstuma, em 1911, de seu romance *A luta*, veiculado em folhetim no

Jornal do Commercio, em 1909. Ao mesmo tempo em que o romance e suas crônicas estimulavam a afirmação de "ideias adiantadas" sobre as mulheres, essas obras traziam a marca dos limites de seu tempo e de um movimento feminista cujas bandeiras identificavam-se a um contingente feminino muito restrito e privilegiado socialmente.

Se, como esse artigo procurou assinalar, Carmen Dolores exerceu uma função relevante como intelectual mediadora em seu tempo, contribuindo para a conscientização da sociedade acerca dos direitos femininos, do feminismo e do divórcio, é interessante observar que sua obra também ensinou outras importantes ações de mediação cultural em tempos recentes, estimulando outras leituras e reforçando o viés transformador de suas ideias em um novo contexto, em que novos suportes tecnológicos têm possibilitado sua veiculação. Desse modo, é digna de nota a publicação de seu único romance por meio de uma nova edição – tanto em forma impressa, quanto digital –, em 2020, mesmo ano em que ocorre o lançamento do *podcast* "Classicxs sem classe", narrado por Juliana Brina e dedicado à trajetória literária da escritora. Por novos caminhos e mais de um século depois de seu contexto de produção, seus escritos puderam encontrar novos leitores e, principalmente, novas leitoras, já que as duas obras assumem claro endereçamento, por sua perspectiva feminista, em um momento em que o movimento vem adquirindo crescentemente um viés plural e diverso, com novos protagonismos e com as lutas em torno do gênero articulando-se mais e mais a vivências referidas a condições de classe social e raça, gerando novos desafios e a ampliação de seu escopo.

A reedição de seu romance *A luta* ocorreu pela Ímã Editorial, em uma coleção denominada Meia-Azul, cujo projeto editorial é assim explicitado:

Bas-bleu ("meias azuis", em tradução livre): antiga expressão pejorativa para mulheres escritoras que ousassem expressar suas ideias

e contar suas histórias em um ambiente dominado pelos homens. Com a **Coleção Meia-Azul**, voltada para narrativas de mulheres, a Ímã Editorial quer reconhecer e ampliar a voz dessas desbravadoras.¹⁶

Esse termo "bas bleu" aparece em uma das últimas crônicas de Carmen Dolores, ao denunciar o forte preconceito contra mulheres intelectuais em nossa sociedade, expresso pelo jornalista Figueiredo Pimentel.¹⁷ Este, segundo apontava, "não suporta a mulher que escreve", "abomina a mulher inteligente e de recursos cerebrais", preferindo "talvez passar a vida inteira com uma analfabeta serviçal a correr o medonho risco de passá-la com alguma *bas-bleu* [...]" No mesmo artigo, enfatizando a resistência feminina, provocava: "Trema Figueiredo Pimentel diante da nuvem ameaçadora das *bas-bleus* brasileiras, como diante de um pelotão de gafanhotos decididos à vingança" (DOLORES, 31 jul. 1910, p. 1, grifo da autora).

Mais uma vez podendo ser valorizada por sua conquista na perspectiva de um feminismo prático, Carmen Dolores tem sua relevância como escritora reconhecida no panorama cultural brasileiro, de modo particular entre segmentos feministas atuantes na contemporaneidade. E, no caso de sua inserção na coleção Meia-Azul, vale assinalar que, ao compor a "nuvem ameaçadora" cuja formação havia estimulado e que faria tremer antifeministas como Figueiredo Pimentel ou quaisquer outros setores resistentes diante da emancipação feminina, ela não tenha mais apenas "*bas-bleus*" brasileiras a seu lado. No conjunto de seis livros da coleção, em que figura como a segunda autora publicada depois da renomada intelectual francesa Colette, tem como companhia figuras estrangeiras de grande relevo na luta das mulheres no mundo ocidental, entre o século XIX e a primeira metade do século XX. As obras editadas na sequência, de três autoras norte-americanas de relevância expressiva para o movimento abolicionista e pelos direitos das mulheres e da população negra sinalizam a diver-

¹⁶ As informações foram obtidas no site da editora: <https://www.imaeditorial.com>. Acesso em: 15 mar. 2020.

¹⁷ Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi um jornalista e escritor de prestígio no cenário cultural da *Belle Époque* carioca. Além da publicação de obras de gêneros diversos, atuou como editor de uma famosa coluna na *Gazeta de Notícias* chamada Binóculo (1907-1914), em que estimulava comportamentos das elites sociais, afirmando modismos e procurando consolidar um estilo de vida na capital da república compatível com as referências da modernidade europeia e principalmente parisiense (GÔES, 2015).

sidade de perfis feministas inscritos na coleção.¹⁸

Ainda sobre a intervenção social encaminhada pela cronista, pode-se perceber, a partir de seus escritos, a indicação de um cenário de superação dos preconceitos no horizonte, que poderia ser considerado utópico, ou inatingível. Essa dimensão, por outro lado, segundo parecia assinalar, impulsionaria múltiplas lutas cotidianas, como as das *bas-bleus* com que se identificava, ou de tantas outras mulheres "irmãs" em um processo dinâmico envolvendo restrições e ganhos, em um viés tático, para o qual concorreu naquele alvorecer do século XX e continua a contribuir no século XXI. Em uma crônica intitulada "O triunfo", referia-se à advogada Myrthes de Campos por meio de palavras que poderia dirigir a qualquer uma das "desbravadoras" do passado e do presente com as quais dialogou e continua a dialogar, apresentando uma projeção de futuro: "E não sei que sensação de triunfo me dilata a alma, ante esse espetáculo da ronceira rotina vencida pouco a pouco pela força tranquila do progresso, do direito e da coragem feminina, que afrontam todas as iras do obscurantismo" (DOLORES, 1910, p. 103).

No projeto de educação "de espíritos" (DOLORES, 4 jun. 1905, p. 1) promovido através de sua pena combativa e voltado para a sociedade em termos amplos, essas palavras se cruzariam com outras, que traduziriam aspectos da vida social referidos fortemente ao cotidiano das mulheres de seu tempo, tratados em um viés bastante realista: "O amor é a luz da existência. O casamento representa uma experiência bem ou mal sucedida. A maternidade é uma aliança de doçuras e amarguras e o divórcio uma necessidade" (CARMEN..., 17 ago. 1910a, p. 3). Como tanto enfatizou Carmen Dolores, procurando sensibilizar seu público leitor, somente a consciência dessa realidade tão objetiva, mas também tão negada pela "força das tradições", ao substituir progressivamente crenças moralistas e preconceituosas, possibilitaria a afirmação de um lugar social da mulher "segundo o molde exigido pelas evoluções do tempo" (DOLORES, 4 jun. 1905, p. 1).

Referências

- ABL, Carlos de Laet. Biografia. In: *Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, [20--]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-de-laet/biografia>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- AMADO, Gilberto. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9451, p. 1, 21 ago. 1910.
- AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1956.
- BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 183-202.
- CARMEN Dolores. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9447, p. 3, 17 ago. 1910a.
- CARMEN Dolores. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 3317, p. 1, 17 ago. 1910b.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.). *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.
- CLASSICXS SEM CLASSE. Carmen Dolores. [Narração de]: Juliana Brina. [S. l.]: 18 fev. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6LyghbmNob3luZm0vcy85MTQ0NzNjL3BvZGNhc3QvcnNz>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7544, p. 1, 4 jun. 1905.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7593, p. 1, 23 jul. 1905.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7740, p. 1, 17 dez. 1905.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7775, p. 1, 21 jan. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7836, p.1, 18 mar. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7857, p.1, 8 abr. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7864, p. 1, 15 abr. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 7941, p.1, 1 jul. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8011, p.1, 9 set. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8025, p.1, 23 set. 1906.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8131, p. 1, 6 jan. 1907.

¹⁸ As outras três autoras cujas obras foram publicadas pela coleção foram Sojourner Truth, Nella Larsen e Nellie Bly.

- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8235, p. 1, 21 abr. 1907.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8305, p. 1, 30 jun. 1907.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8347, p. 1, 11 ago. 1907.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8382, p. 1, 15 set. 1907.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8704, p. 1, 2 ago. 1908.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8711, p. 1, 9 ago. 1908.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8732, p. 1, 30 ago. 1908.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8893, p. 1, 7 fev. 1909.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9011, p. 1, 6 jun. 1909.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9395, p. 1, 26 jun. 1910.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9430, p. 1, 31 jul. 1910.
- DOLORES, Carmen. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9444, p. 1, 14 ago. 1910.
- DOLORES, Carmen. *Ao esvoçar da ideia*. Porto: Livraria Chardron, 1910.
- DOLORES, Carmen. *A luta*. Rio de Janeiro: Íma Editorial, 2020.
- GÓES, Fred. O carnaval elegante de Figueiredo Pimentel. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 21-31, nov. 2015.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia (org.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GUIMARÃES, Lúcia M. Paschoal; FERREIRA, Tânia M. T. B. da Cruz. Myrthes Gomes de Campos (1875-?): pioneirismo na luta pelo exercício da advocacia e defesa da emancipação feminina. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 135-151, 1 sem. 2009.
- HELLMANN, Risolete Maria. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- LAET, Carlos de. Microcosmo. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 8707, p. 1, 5 ago. 1908.
- MAGALDI, Ana Maria B. M. Uma pena feminina em combate: a expressão literária e educativa de Carmen Dolores nas crônicas de *O Paiz* (1905-1910). *Caminhos da educação: diálogos, culturas e diversidades*, Teresina, v. 2, n. 3, p. 10-37, set./dez. 2020.
- MELO, Hildete P. de; MARQUES, Teresa Cristina de N. Leolinda de Figueiredo Daltró. In: *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DALTRO,%20Leolinda%20de%20Figueiredo.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- O NOSSO plebiscito: qual deve ser o futuro presidente? *Careta*, Rio de Janeiro, ed. 57, p. 56, 3 jul. 1909.
- RIO, João do. *Momento literário*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional/Dep. Nacional do Livro, 1994.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996. p. 231-269.
- SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.
- SOIHET, Rachel; ESTEVES, Flávia C. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.). *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008. p. 145-169.
- VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 97-105.

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Endereço para correspondência

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Faculdade de Educação
Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão João Lyra Filho
12º andar, Bloco B, sala 12.019
Maracanã, 20550-900
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados e submetidos para validação da autora antes da publicação.